

## A Revolução Coreana entre a questão nacional e o Marxismo: o Zuche e a construção de um projeto patriótico na Coreia Socialista

Diego Grossi<sup>1</sup>

### RESUMO

A Coreia do Norte constitui-se em um caso *sui generis* dentro do campo socialista oriundo da Revolução Russa, sustentando, diferente dos demais, ter transcendido o marxismo através do Zuche - ideologia oficial do Estado norte-coreano formulada por Kim Il Sung e Kim Jong Il. Tal peculiaridade só pode ser entendida se inserida dentro do contexto histórico concreto não só da Revolução Coreana como da formação milenar deste povo, marcada pela necessidade de preservação da autonomia diante de grandes potências estrangeiras. Assim, a independência ante adversários e aliados manifesta-se, além da política e da diplomacia, nos campos ideológico e teórico, levando à formulação de uma doutrina própria - especialmente diante das insuficiências do legado de Karl Marx e Friedrich Engels quanto à questão nacional.

**Palavras-chaves:** Coreia do Norte; Zuche; Kim Il Sung; Marxismo; Questão nacional.

### The Korean Revolution between the national issue and Marxism: the juche and the construction of a patriotic project in the Socialist Korea

### ABSTRACT

The North Korea is a *sui generis* case within the socialist camp derived from the Russian Revolution, defending, different from others, have transcended Marxism with the invention of Zuche - formulated by Kim Il Sung and Kim Jong Il as the official ideology of the North Korean state. This peculiarity can only be understood if inserted into the concrete historical context of the Korean Revolution and the formation of this millenary people, where the need to defend itself against foreign powers was constant. Therefore, independence in the face of opponents and allies expressed, beyond politics and diplomacy, in the ideological and theoretical fields, leading to the formulation of its own doctrine - especially given the shortcomings of the legacy of Karl Marx and Friedrich Engels about the national issue.

**Keywords:** North Korea; Juche; Kim Il Sung; Marxism; National issue.

# A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

## Introdução

A Coreia socialista (oficialmente chamada de República Popular Democrática da Coreia - RPDC) é um país ainda pouco estudado e mal conhecido no Ocidente, incluindo o Brasil. Além das pesquisas (acadêmicas e/ou militantes) serem escassas, costumam ser eclipsadas por uma cobertura jornalística geralmente deficiente, na qual se apresenta o país de forma exotificada, anacrônica e pouco rigorosa no que concerne à verificação das informações veiculadas.

Tendo em vista contribuir com a superação dessas insuficiências, o presente trabalho tem como objetivo analisar um aspecto essencial na construção do socialismo no norte da península coreana: a questão nacional, que aparece como uma constante na milenar história da Coreia (que se divide em dois países só após a II Guerra Mundial).

A necessidade de se garantir a independência em todos os aspectos (diante de adversários e aliados) se manifestou de forma tão aguda no século XX que fez brotar na Coreia socialista um corpo ideológico, político e teórico *sui generis*, o Zuche. Criado por Kim Il Sung e desenvolvido por este e seu filho, Kim Jong Il, tal sistema doutrinário tem como principal peculiaridade o fato de alegar ser uma superação do marxismo, adequando-o não só (mas principalmente) às necessidades próprias da Revolução Coreana como também, supostamente, a uma nova era, caracterizada pela exacerbação dos conflitos internacionais entre o imperialismo e os povos oprimidos.

Dos países socialistas surgidos a partir do movimento histórico inaugurado com a Revolução Russa, a RPDC é, ao propor a superação do marxismo, um caso especial. Dito isso, é preciso ficar claro que não se trata das necessárias adaptações do marxismo às particularidades de cada realidade, já apontadas por Engels e Marx no Manifesto Comunista e vistas em todas as revoluções socialistas que deram certo. A proposta do Zuche vai, segundo os coreanos, além do mero ajuste, intencionando ser uma transcendência em aspectos tidos como centrais no pensamento marxista.

Essa peculiaridade pode ser explicada como produto do encontro entre dois fatores: a) a histórica necessidade de o povo coreano preservar sua independência diante da formação milenar em meio de grandes potências (China, Japão, Mongólia e Rússia), que se aguça no século XX com a presença de outro ator (Estados Unidos); e b) as insuficiências do pensamento marxista hegemônico quanto à questão nacional, já que, de forma paradoxal, apesar de ter aparecido, através da Internacional Comunista, como força política e teórica de resistência ao imperialismo (e, também por isso, adotado em diversas revoluções anti-imperialistas), não possuía um aparato desenvolvido para pensar as nações após a vitória das mesmas contra as potências estrangeiras. Dessa forma, apesar do marxismo ter despontado como a principal ferramenta ideológica do povo coreano na sua luta contra a ingerência estrangeira, o mesmo se mostrou escasso no que diz respeito à construção do socialismo entre grandes potências (inclusive socialistas), permitindo com que as lacunas fossem exploradas em prol da necessidade de autoafirmação nacional através de uma doutrina própria, o Zuche (em um processo gradual de superação do marxismo, que vai da convivência até chegar a declarações explícitas de uma suposta superação).

# A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

No artigo que se segue é feita, na primeira parte, uma breve apresentação da literatura referente à Coreia socialista; discutindo a história desse país (e o constante cerco de outras potências) na parte 2 e terminando com a análise sobre as insuficiências do marxismo quanto à questão nacional e suas implicações no socialismo da RPDC.

## 1. A Coreia socialista na literatura acadêmica, jornalística e militante

Grosso modo, os estudos referentes à Coreia socialista podem ser divididos em três grandes segmentos: acadêmico, militante pró-RPDC e jornalístico.

Dentre os países<sup>II</sup> nos quais há maior quantidade de trabalhos acadêmicos sobre a Coreia socialista podem ser citados a Coreia do Sul, por conta da inerente ligação histórica, e os Estados Unidos da América (EUA), onde se formou um grupo de “coreanistas”. O russo Andrei Lankov, professor da Universidade de Kookmin (Seul), é um dos historiadores da Coreia mais conhecidos internacionalmente, tendo publicado diversos livros e artigos, como *From Stálin to Kim Il Sung: the formation of North Korea* (2002) e *The real North Korea: life and politics in the failed Stalinist utopia* (2013). Em meio aos coreanistas estadunidenses, o nome de Bruce Cumings se destaca por obras como *North Korea: another country* (2003) e *The Korean War: a history* (2010)<sup>III</sup>. No Brasil pouquíssimos pesquisadores têm se dedicado ao estudo da RPDC, podendo ser citados Analúcia Danilevicz Pereira e Paulo Fagundes Visentini, professores de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), além de Elias Jabbour, professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Analúcia Pereira e Paulo Visentini, juntos de Helena Melchionna (orientanda de Visentini em seu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS, quando defendeu, em 2013, a dissertação *A política externa da República Democrática Popular da Coreia e o papel estratégico da China*), foram os autores da obra de maior envergadura lançada (recentemente) no Brasil quanto à Coreia socialista, o livro *A Revolução Coreana: o desconhecido socialismo Zuche* (2015). Jabbour, que tem como foco a China, discutiu pontualmente alguns aspectos da Coreia do Norte, publicando, a partir da segunda metade da década de 2000, vários artigos no site marxista *Portal Vermelho*<sup>IV</sup>.

No campo militante sobressaem em todo mundo os trabalhos produzidos a partir dos diversos centros de estudos da ideia Zuche (ou Juche), ligados ao Instituto Internacional da Ideia Juche (IIIJ), inclusive no Brasil, com a atuação, em São Paulo, do Centro de Estudos da Ideia Juche, responsável por realizar eventos e manter uma página de solidariedade à RPDC na internet<sup>V</sup>. A atuação de instituições de esquerda, como partidos políticos (com ou sem registro eleitoral) e a imprensa alternativa (imprensa ou digital), também tem papel na difusão de informações sobre a Coreia do Norte. Basicamente, o campo militante atua com três focos: a propaganda, através da divulgação de informações oriundas diretamente da RPDC; a defesa da Coreia socialista diante de matérias veiculadas na grande imprensa e tidas como negativas; e o estudo propriamente dito do socialismo norte-coreano e de sua teoria Zuche.

Dos livros sobre o tema em questão produzidos por jornalistas estadunidenses os mais famosos são *Nada a Invejar: vidas comuns na Coreia do Norte* (2013), de Barbara Demick (correspondente do jornal *Los Angeles Times* em Seul), gerado com base especialmente em depoimentos de dissidentes políticos, e *Fuga do Campo 14: a*

# A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

*dramática jornada de um prisioneiro da Coreia do Norte rumo à liberdade no Ocidente* (2012), no qual Blaine Harden (que trabalhou em jornais como *The Washington Post*, *The New York Times* e *The Guardian*) narra uma história a partir dos relatos de Shin Dong-Hyuk, supostamente o único nascido num campo de trabalho norte-coreano a escapar do país. No Brasil, além das traduções das obras jornalísticas internacionais, também há produção do jornalismo nativo, como o livro *Viva o Grande Líder: um repórter brasileiro na Coreia do Norte* (2002), que relata a viagem de Marcelo Abreu (que atuou na *Folha de S. Paulo* e n`*O Estado de S. Paulo*) à Coreia Popular. De qualquer forma, os livros são parte marginal da produção jornalística. É através das notícias diárias que apresentam as maiores quantidades de matérias sobre a RPDC. No dia 16 de maio de 2010, por exemplo, o programa *Fantástico* (da *TV Globo*) exibiu o quadro *Pacato Cidadão* com gravações feitas pelo humorista Marcelo Madureira (ligado ao Instituto Millenium e que atuou no programa *Casseta e Planeta*) na Coreia do Norte. Entre as “atrações” do quadro o público recebeu tentativas de ridicularização da música e da dança coreana. Com frequência matérias exóticas e sensacionalistas (geralmente de origem estadunidense ou sul-coreana e reproduzidas por grandes órgãos da imprensa brasileira), difundidas com certo alarde, são desmentidas meses depois. O site *E-farsas*, que se dedica a desmontar embustes dos mais diversos tipos que se espalham na internet, já realizou algumas investigações sobre mentiras propagadas como se fossem espelho do que realmente ocorre na Coreia socialista. Entre os mitos detonados pode-se citar a suposta divulgação, por parte do governo norte-coreano, de que a Coreia do Norte havia sido a campeã da Copa do Mundo de futebol de 2014<sup>VI</sup>; e um fictício controle sobre os cortes de cabelo utilizados pelos homens coreanos, que seriam obrigados, segundo a lenda, a seguir os padrões de Kim Jong-Un<sup>VII</sup>. Os próprios veículos de imprensa são forçados a divulgar os erros, como no caso de Hyon Sung Wol, ex-namorada de Kim Jong Un que teria sido presa e executada em 2013<sup>VIII</sup>, mas que apareceu viva no ano seguinte<sup>IX</sup>.

De qualquer forma é importante salientar que não há uma barreira intransponível entre os três campos apresentados. Andrei Lankov escreve sobre a Coreia em jornais como o *Al Jazeera*. Na composição dos centros de estudos da ideia Zuche ao redor do mundo existem vários pesquisadores, estudantes e professores, como Bruno Amoroso, que nos anos 2000 era professor da Universidade de Roma e vice-presidente da Sociedade Europeia para o Estudo da Ideia Juche.

Nas trilhas de trabalhos como os de Visentini percebe-se que somente estudando a Coreia a partir das origens e dos desafios enfrentados em sua história é que podemos fugir das visões caricaturais, exotificadas e simplistas, compreendendo a dinâmica da sua revolução a partir das condições concretas com que seu povo se depara.

## 2. A formação da nação coreana e a construção do socialismo

Atualmente, a Coreia socialista possui 23 milhões de habitantes (cerca de metade da população do Sul) distribuídos em mais de 120 mil quilômetros quadrados num terreno cuja geografia montanhosa (que tem no lendário Monte Paektu, com 2.744 metros, o ponto mais elevado), apesar de generosa no que concerne ao fornecimento de recursos naturais, oferece poucos espaços favoráveis à agricultura (o contrário do que ocorre na parte sul)<sup>X</sup>. A história desse povo data de pelo menos 5.000 anos, quando, às

## A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

margens dos rios Yalu e Daetong, os coreanos começaram a se formar<sup>XI</sup>. Milênios depois, nos três primeiros séculos da era cristã, surgiram os reinos de Koguryo (região norte), Paekche (sudeste) e Silla (sudeste)<sup>XII</sup>. No século VII o reino Silla unifica, através da conquista, toda a região - que entra em decadência no século IX, sendo novamente reunificada no século seguinte com a dinastia Koryo. Entre os séculos XIII e XIV, com a invasão mongol e diante da derrota perante a dinastia Ming (China), emerge a dinastia Choson - nascendo um reino que, apesar de tributário da China, mantinha grande autonomia real.

O Japão, que historicamente ameaçava a Coreia, ganha mais impulsos expansionistas com a Revolução Meiji. Em 1876, após ocupar a ilha de Kanghwa, as forças nipônicas impõem os “Tratados Desiguais” aos coreanos, forçando-os não só a abrir seu comércio como ainda exercendo o controle sobre o mesmo e sobre as águas coreanas. Em 1910 a Coreia é transformada numa colônia japonesa, perdendo sua independência.

Diante dos ultrajes o povo coreano se rebelou de diversas formas, culminando na constituição das tropas guerrilheiras responsáveis, junto dos exércitos das grandes potências, pela derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial. Uma das primeiras manifestações de resistência eclodiu na década de 1880, quando o movimento Tonghak promoveu diversas revoltas contra a fome e a ingerência imperialista japonesa, sendo sufocadas apenas em 1894. Em 1919, diante do contexto favorável à autodeterminação dos povos no pós-Primeira Guerra Mundial, o Movimento Primeiro de Março lança uma proclamação de independência, levando o povo coreano a se mobilizar em massa contra a ocupação. No quadro da resistência aparecem posições políticas bem definidas e instituições de oposição à ingerência imperialista, como liberais nacionalistas e comunistas (estes últimos responsáveis por fundar o Partido Comunista da Coreia - que teve vida efêmera, de 1925 até 1928). Entre os grupos de oposição, surge, em 1926, o de Kim Il Sung, a União para Derrotar o Imperialismo (UDI). Na década de 1930, com o desencadeamento da guerra de guerrilhas, Kim Il Sung já era visto pelas forças nipônicas como uma das principais lideranças coreanas<sup>XIII</sup>. No final da Segunda Guerra Mundial, Kim, que, em meio ao conflito, havia se exilado na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), entra, como membro do Exército Vermelho, na península coreana.

Todavia, após a derrota do Japão, a URSS só possuía domínio sobre a parte norte da península coreana, estando o Sul ocupado pelos EUA. Uma linha imaginária, o paralelo 38°, traçava a base da divisão entre as duas potências. Contudo, em toda a península as forças que atuaram na resistência antijaponesa estabeleceram comitês populares para conduzir os assuntos de seu país. Mesmo assim, a divisão geopolítica acabou sendo determinante para o destino desses comitês, já que, enquanto no Norte, podiam exercer (e assim o faziam) o poder político real, no Sul eram reprimidos.

Ainda em 1945 os comunistas fundam o novo Partido Comunista da Coreia (PCC), no qual a figura de Kim Il Sung acabará por prevalecer (não sem disputas) como principal liderança. No ano seguinte, a união do novo PCC com os maoistas coreanos, egressos das lutas na China, dá origem a um novo partido, o Partido do Trabalho da Coreia do Norte, que, ao se fundir com sua contraparte do Sul, forja o Partido do Trabalho da Coreia (PTC), entidade que até os dias de hoje dirige a Coreia socialista<sup>XIV</sup>. Mesmo diante de outras forças políticas, como os católicos e os nacionalistas, com

# A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

apoio soviético os comunistas conseguem hegemonizar os comitês populares e, nas eleições de 1946, emplacam oficialmente Kim Il Sung como o dirigente máximo na parte norte da península. Com o controle da região, os socialistas fazem a revolução avançar: realizam a reforma agrária, nacionalizam as grandes indústrias, criam uma nova legislação trabalhista e promulgam a igualdade entre homens e mulheres<sup>XV</sup>.

Porém, o fato da nação coreana estar dividida e ocupada por potências estrangeiras era uma tensão constante. Ainda em 1946, quando os comitês revolucionários coreanos proclamaram a república em Seul, os EUA ocuparam o Sul da Coreia, dissolveram os comitês e colocaram Syngman Rhee (que viveu quase quatro décadas nos EUA) no comando da região meridional. Em 1948 a Coreia do Sul declara sua independência, constituindo, de fato, um novo país e em separado da parte norte. Em resposta, considerando tal ato uma manobra ilegal e divisionista de parte estadunidense, proclama-se, no Norte, a República Popular Democrática da Coreia.

As contendas entre as duas Coreias se acirram cada vez mais. Em 1948, oxigenado pelas grandes revoltas que ocorriam na parte sul da península desde 1946, um forte movimento guerrilheiro (que continuaria ativo mesmo após a guerra entre Norte e Sul, sendo eliminado apenas em 1954) passa a atuar contra os EUA e seu aliado governo local na região meridional. Em 1949 ocorrem choques armados na fronteira e em 1950 eclode a guerra. Em dois meses, com apoio da população de toda a península, o Norte já havia conquistado Seul e iniciado a reforma agrária na região Sul<sup>XVI</sup>. Entretanto, com a intervenção dos Estados Unidos, sob aval da Organização das Nações Unidas (ONU), as tropas norte-coreanas não só foram forçadas a abandonar o Sul como ainda acabaram invadidas em seu próprio território. Em resposta, a China envia tropas (a URSS mantém um apoio tímido) e ajuda a libertar a parte norte e a reconquistar Seul entre o final de 1950 e início de 1951. Diante da situação, o presidente dos EUA, Harry Truman, autoriza o uso de bombas atômicas contra os coreanos, optando-se, porém, pelo uso de outras armas, como *napalm* e fósforo. Conseguem recuperar a parte Sul ainda em 1951 e, a partir daí, nenhum dos lados consegue ir muito além das suas posições iniciais (paralelo 38°). Assim, em 1953 um armistício é assinado entre EUA/ONU e Coreia/China<sup>XVII</sup>. Pela primeira vez na história os EUA saíram de uma guerra sem serem vitoriosos<sup>XVIII</sup>. Quatro milhões de pessoas morreram no conflito.

A parte norte acabou completamente destruída. Diante da situação a agricultura foi coletivizada e fizeram-se altos investimentos na indústria pesada. Graças à grande mobilização do povo coreano o socialismo deu resultados. A produção industrial em 1960 foi 7,6 vezes maior que a de 1944. 95% das necessidades em máquinas e equipamentos do país podiam ser cobertas pela própria indústria. Entre 1961 e 1970, o crescimento industrial teve média de 12,8% ao ano. A população, que em 1946 era composta por 74,1% de camponeses e 18,7% de operários e empregados urbanos, passou para 44% de camponeses e 52% de operários em 1960<sup>XIX</sup>. Nesse contexto, Kim Il Sung vai desenvolver a sua teoria de socialismo, o Zuche.

### 3. Questão nacional: do marxismo-leninismo ao Zuche

Após a Revolução Russa (1917) e a fundação da Terceira Internacional (1919), o marxismo conheceu um momento de grande expansão no mundo, especialmente a partir das revoluções anticoloniais e anti-imperialistas. A formulação de Lenin sobre o

# A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

imperialismo, na qual o capitalismo aparece como um sistema globalmente estruturado através da exploração dos países mais pobres por algumas poucas nações desenvolvidas, tem importância *sine qua non* nesse processo, já que, de acordo com o pensamento leniniano/leninista, os processos de emancipação nacional e anti-imperialistas passariam a possuir um forte potencial anticapitalista.

Seus antecessores, fundadores do socialismo científico, Friedrich Engels e Karl Marx, já haviam lançado (apesar da dubiedade, como será comentado) o brado de que um povo que oprime o outro não pode ser livre<sup>XX</sup>, e, através da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), ou Primeira Internacional, defenderam as lutas da Polônia e da Irlanda contra os domínios russo e inglês (respectivamente)<sup>XXI</sup>. Para Engels e Marx essas nações exerceriam seu internacionalismo justamente ao enfrentarem a dominação de potências estrangeiras<sup>XXII</sup>. Todavia, apesar desses casos específicos, a avaliação dos revolucionários alemães sobre a questão nacional e colonial aparecia como algo conjuntural, que variou de caso para caso<sup>XXIII</sup>. Só em Lenin que tais categorias são universalizadas<sup>XXIV</sup>. Com o pensador russo o direito à autodeterminação dos povos passa a ser uma questão estratégica e de princípio. As palavras de Ho Chi Minh, líder patriota vietnamita, ilustram a questão:

Que emoção, entusiasmo, esclarecimento e confiança essa obra [*Teses sobre as questões nacionais e coloniais*, de Lenin] provocou em mim! Eu me regozijava em lágrimas. (...) A partir dali, tive plena confiança em Lenin e na Terceira Internacional<sup>XXV</sup>.

No caso coreano não foi diferente. Em 1926, na fundação da UDI, Kim Il Sung mostra o papel do marxismo dentro do seu programa anti-imperialista:

Devemos seguir o caminho marxista, que leva à libertação das massas operárias oprimidas do jugo da tirania imperialista japonesa e as provém com a genuína liberdade e felicidade<sup>XXVI</sup>.

É no curso da luta contra o Japão que as bases do que seria o Zuche vão se formando<sup>XVII</sup> - aparentemente sem contradições com o marxismo. Em uma das obras seminais do pensamento zucheano, *Sobre a eliminação do dogmatismo, do formalismo e o estabelecimento do Zuche no trabalho ideológico* (1955), Kim Il Sung utiliza justificativas explicitamente marxistas para defender o que entendia ser o Zuche naquele momento: a subordinação de todos os fatores aos interesses da nação coreana - o que iria desde a imperatividade de se estudar as características nativas (História, Geografia, costumes locais, etc.) até a necessidade de se adaptar o marxismo às condições específicas da sua revolução. Ser dogmático e copiar esquemas exteriores seria uma postura que contrariaria a própria essência antidogmática e científica do marxismo<sup>XXVIII</sup>.

Dessa forma, o Zuche se erige e se desenvolve basicamente sobre (e a partir de) um princípio primordial: garantir a soberania coreana. Todo o seu *corpus* aparecerá como justificativa ou consequência desse paradigma<sup>XXIX</sup>. Segundo Kim Jong Il, a soberania só poderia ser verdadeira diante de três fatores: a) independência na política (inclusive diante dos aliados); b) autossuficiência na economia; e c) capacidade de autodefesa<sup>XXX</sup>. Dessa forma, entendia-se que cada povo deveria ser capaz de conduzir sua revolução de acordo com as suas peculiaridades e sem depender dos demais<sup>XXXI</sup>. As tradições nacionais deveriam ser conhecidas e valorizadas de forma seletiva, aproveitando os elementos progressistas e renunciando às heranças que representassem um obstáculo à revolução e ao comunismo<sup>XXXII</sup>.

Outro elemento basilar do pensamento Zuche é a ênfase dada aos aspectos ideológicos da humanidade. Sobressai em todo esse sistema filosófico um

# A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

antropocentrismo exacerbado, já que, segundo Kim Il Sung, para que o comunismo fosse alcançado seria necessário que as transformações materiais caminhassem *pari passu* com a construção de um novo ser humano<sup>XXXIII</sup>, embutido de valores revolucionários, apaixonado pelo trabalho, solidário e cooperativo com os demais - enriquecido culturalmente através do conhecimento científico, da arte e da literatura. Assim, o pensamento Zuche deveria penetrar em todos os aspectos da sociedade, varrendo as velhas ideias e desencadeando uma revolução nas esferas tecnológica (promovendo o bem-estar material para o povo), cultural (através da educação e do acesso aos bens culturais) e ideológica (forjando novos sujeitos)<sup>XXXIV</sup>.

Só as massas, transformadas em agentes de um novo mundo, poderiam levar à frente a revolução, o socialismo e o comunismo. Tal fator se materializaria no poder de Estado: uma democracia socialista só seria possível se as massas conduzissem os destinos da nação através dos órgãos de poder popular<sup>XXXV</sup>.

Entretanto, quanto à linha de massas há uma aparente contradição que chama a atenção, que é o enaltecimento da figura do líder da nação. Kim Jong Il chega a apresentar essa equação conflituosa (supremacia das massas + culto ao líder) de forma bem natural, dizendo que o papel do partido e do líder seria justamente o de condutor das massas<sup>XXXVI</sup>. Há no Zuche certa simbiose entre massas e agentes dirigentes (o partido e o líder da nação) que faz com que “o Príncipe” apareça como maximização da própria nação - e não oposto a ela. Nesse caminho, os coreanos entendem a sociedade como uma grande família<sup>XXXVII</sup> - o que corrobora com a constatação, já feita por analistas, da profunda influência exercida pelo confucionismo (absorvido da China entre os séculos XIII e XIV)<sup>XXXVIII</sup> no contemporâneo pensamento político norte-coreano.

Mas ao longo dos anos o Zuche vai aparecendo cada vez mais como distinto do marxismo - e não mais um acréscimo que coabitaria com adequações a uma realidade específica. Kim Jong Il, no início da década de 1980, ao falar das diferenças entre o marxismo e o Zuche - para ele “uma original filosofia revolucionária” - apresenta Kim Il Sung como um herdeiro de Marx, Engels e Lenin, que teria, no entanto, transcendido seus antecessores e formulado um corpo teórico novo, adequando o pensamento socialista ao mundo no qual os conflitos entre países imperialistas e nações oprimidas teriam se exasperado<sup>XXXIX</sup>. Para o revolucionário, o marxismo, apesar dos méritos, incorreria numa espécie de determinismo ao, alega, confinar o espaço de ação do homem aos limites das condições materiais da natureza<sup>XL</sup>. A dialética materialista continuaria sendo importante, mas noções como a relação entre base e superestrutura precisariam ser problematizadas, já que dariam pouca margem para a ação do elemento consciente na história. Seria justamente o fato de colocar o ser humano no centro das reflexões que teria permitido ao Zuche, supostamente, superar o marxismo, colocando o homem como um fator capaz de transformar a própria natureza<sup>XLI</sup>. O princípio filosófico determinante do Zuche, nas palavras do antecessor de Kim Jong Un, estaria na compreensão de que o ser humano é o centro de toda a teoria<sup>XLII</sup>.

Dentre as alegações de diferenças que separariam o pensamento político norte-coreano do marxismo, a mais profunda se dá já nos anos 1990, em consequência da queda da URSS e da ofensiva internacional contra o socialismo<sup>XLIII</sup>: a linha Songun, que pode ser entendida como um incremento ao Zuche, orientando a priorização dos assuntos militares diante de todas as esferas da nação. De acordo com Kim Jong Il,

## A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

caberia ao exército ser a força de sustentação da pátria e da revolução (em detrimento da própria classe trabalhadora)<sup>XLIV</sup>.

Contudo, o Zuche, mesmo após as categóricas afirmações de transcendência do marxismo, continuou a manter pontos fundamentais de interseção com o mesmo. Inclusive no quesito que parece estabelecer um elemento fronteiro entre os dois sistemas teórico-ideológicos, a elevação das forças armadas a agente condutor da construção do socialismo, há a noção de que o próprio exército, assim como a nação, deveria estar imbuído do “espírito revolucionário da classe trabalhadora”<sup>XLV</sup>. A dialética materialista, apesar de considerada determinista, não é completamente rejeitada, especialmente por seu projeto de buscar a verdade através da ciência<sup>XLVI</sup>. A visão da história enquanto um processo dialético de luta entre as classes, entre opressores e oprimidos, cujo sentido estaria no estabelecimento do modo de produção comunista<sup>XLVII</sup>, orienta a perspectiva do Zuche em paralelo à necessidade de se desenvolver as forças produtivas como requisito para alcançar tal fim<sup>XLVIII</sup>. A famosa 11ª tese de Karl Marx sobre Feuerbach, que condiciona a teoria à utilidade prática de se transformar a realidade, também é mantida<sup>XLIX</sup>. Mesmo aspectos que comumente enganam alguns analistas, como as ênfases dadas pelo Zuche ao nacionalismo e ao tradicionalismo, oferecem miragens se interpretadas superficialmente como contraditórias ao marxismo, já que, quanto ao nacionalismo, não há nada de qualitativamente diferente da posição leninista, na qual prevalece o patriotismo como caminho para a libertação dos povos oprimidos contra o imperialismo. Kim Il Sung defendia abertamente a solidariedade internacionalista e o direito à autodeterminação de todas as nações<sup>L</sup>. Quanto ao tradicionalismo, este aparece como subsidiário da questão nacional e de forma seletiva - em contraste com uma perspectiva conservadora. Tradições que fossem consideradas reacionárias, burguesas, etc., seriam recusadas. Kim Jong Il inclui nesse rol de rejeições elementos como o “confucionismo feudal”<sup>LI</sup>.

As divergências entre o pensamento de Engels e Marx e o Zuche são marginais (menores que outras perspectivas que se mantêm formalmente dentro do campo marxista, como o “socialismo de mercado” chinês; ou análogas a críticas intramarxistas, como a acusação de que algumas perspectivas da dialética materialista incorreriam em determinismo histórico, cara a alguns dos alinhados ao “marxismo ocidental”<sup>LII</sup>). Entender o contexto em que a Coreia constrói seu socialismo, assim como suas heranças históricas, é fundamental para se identificar as causas dessa (aparente) ruptura.

A Coreia se forma numa posição geográfica cercada por grandes potências: China (milena aliada), Japão, Mongólia e Rússia. Da formação do reino Koryo até o presente, os coreanos viveram sob constante pressão estrangeira - situação que faz com que Elias Jabbour fale em “mil anos de estado de exceção”<sup>LIII</sup>. Numa tentativa de, entre outras coisas, afirmar uma identidade distinta do “aliado mais forte” (China), foi criado, no século XV, o atual alfabeto coreano, que veio para substituir o, então em voga, alfabeto chinês (sendo a nova criação muito mais simples que este e alguns outros sistemas asiáticos)<sup>LIV</sup>. A própria mística em torno do Monte Paektu, lugar de excelência da resistência antijaponesa, encontra antecedentes milenares, tendo sido referência no surgimento de Koguryo. Kim Il Sung se apresentaria como herdeiro do rei Jumong, fundador de Koguryo, e seu filho, Kim Jong Il, teria nascido no próprio Paektu<sup>LV</sup>.

A forma como o marxismo entra e se sustenta na península coreana sugere certa influência estrangeira que termina por ser peneirada pelos coreanos. Uma das vias foi a

## A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

constante influência entre guerrilheiros chineses e coreanos que atuaram muitas vezes de forma conjunta e em ambos os países tanto na resistência contra o Japão quanto no desencadeamento das suas respectivas revoluções. O próprio Kim Il Sung chegou a ser membro do Partido Comunista da China (PCCh) (além de capitão do Exército Vermelho soviético)<sup>LVI</sup>.

A relação com esses aliados não foi isenta de tensões e os coreanos empreenderam esforços na manutenção de sua independência. Em 1956, os grupos pró-soviético e pró-China, discordando da liderança suprema de Kim Il Sung e de sua linha de priorização da indústria pesada, tentaram articular uma onda de oposição dentro do PTC, fazendo com que Kim expurgasse os principais nomes de ambas as frações. Mesmo diante da intervenção soviética e chinesa, que acabou levando-o a ceder e a restituir as figuras punidas, até 1958 os elementos ligados à Pequim e à Moscou acabaram gradualmente rebaixados ou expulsos. Pak Chang Ok, cabeça dos elementos pró-Kremlin, terminou por se exilar na URSS<sup>LVII</sup>.

Nos escritos de Kim Il Sung sobressaem várias críticas ao “servilismo” diante das grandes potências, mesmo que aliadas - o que poderia ocorrer, segundo o revolucionário coreano, tanto no campo político prático quanto no teórico, através da reprodução dogmática do pensamento e das experiências estrangeiras<sup>LVIII</sup>. Numa obra dedicada justamente a combater o dogmatismo (e, sintomaticamente, precursora do Zuche), o fundador da Coreia socialista exemplifica a postura que deveria ser combatida ao citar Pak Yong Bin, responsável por defender que a Coreia do Norte acompanhasse a União Soviética kruschevista na distensão com os EUA - o que seria impensável para os coreanos, de acordo com Kim Il Sung, tendo em vista não só o histórico de agressões da nação imperialista contra o povo da Coreia como também a permanência da ocupação destes no sul da península<sup>LIX</sup>. A postura suprema de priorização da questão nacional aparece quando se aceita uma reunificação da pátria mesmo com o Sul mantendo o capitalismo. Para o líder norte-coreano, os interesses da pátria deveriam estar acima de qualquer diferença ideológica e de classe<sup>LX</sup>.

As brechas deixadas pelos setores hegemônicos do marxismo quanto à questão nacional permitiram com que tal problemática fosse explorada em prol de uma suposta superação do pensamento de Marx, Engels e Lenin diante das peculiaridades nacionais coreanas. O tema das nações aparece em Engels e Marx de forma pontual, como mais um elemento conjuntural e de ordem prática, assumindo maior ou menor importância de acordo com cada caso em específico. Não há, nos revolucionários alemães, nenhuma sistematização mais profunda e universalizante quanto à questão nacional<sup>LXI</sup>. Essa postura sofre mudanças em seus sucessores, quando, diante do fortalecimento do tema das nações e das nacionalidades no final do século XIX e início do século XX, os membros da Segunda Internacional são levados ao reconhecimento da importância da questão - tanto por conta do fenômeno “imperialismo” quanto pelas necessárias adequações táticas e estratégicas sobre o papel do movimento operário dentro das lutas nacionais<sup>LXII</sup>. Segundo René Gallissot, Karl Kautsky reconheceu Otto Bauer como um dos pioneiros na elaboração de uma teoria de nação de caráter marxista - na qual se dava grande ênfase ao aspecto cultural (recebendo críticas do próprio Kautsky, ainda preso à ortodoxia sobre a transitoriedade das nações)<sup>LXIII</sup>. Mas posições mais heterodoxas, como as de Bauer - ou de Jaurès, que chegou a classificar a palavra de ordem marxiana sobre proletários não terem pátria como uma afirmação apaixonada<sup>LXIV</sup> -, tiveram pouca

# A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

difusão. No quadro da Primeira Guerra Mundial, a II Internacional e seus partidos acabaram, apesar das várias perspectivas teóricas, sucumbindo à barbárie do chauvinismo. Será com Lenin e com a III Internacional que uma perspectiva específica sobre a questão nacional prevalecerá dentro do marxismo, ocupando, entretanto, um lugar pragmático ao aparecer como antítese do imperialismo.

Basicamente, dois problemas limitaram o alcance da tradição marxista-leninista no que se refere à questão nacional: a) a utopia sobre a inexorabilidade do fim do Estado (classificada por Domenico Losurdo como uma “teoria de comunismo completamente irrealista”<sup>LXV</sup>), que leva a derivados como a secundarização de temas que perpassem pelo aperfeiçoamento do Estado dentro de um quadro de longa duração do mesmo, incluindo a forma-nação, que acaba por ser interpretada como também fadada ao desaparecimento no processo histórico; b) a interpretação do internacionalismo proletário como ontológico à classe trabalhadora, estimulando crenças sobre uma inerente relação de solidariedade entre os trabalhadores. Certamente existem nuances nos clássicos do marxismo quanto ao tema. Engels (além da constatação sobre o papel da “aristocracia operária”, segmentos das classes trabalhadoras cooptadas pela burguesia e seus projetos na Inglaterra) notara, em carta a Kautsky (12 de setembro de 1882), como seria incoerente se um possível proletariado vitorioso num país resolvesse, através da força, “exportar a revolução” para outro povo<sup>LXVI</sup>. Lenin (em *Resultado das discussões sobre a autodeterminação*, de 1916) demonstra saber que mesmo após a revolução o proletariado poderia manifestar tendências chauvinistas e hegemônicas no campo internacional<sup>LXVII</sup>. O próprio PCCh, em 1956, manifestava a importância de se tomar cuidado com um possível chauvinismo de países socialistas<sup>LXVIII</sup>. Entretanto, tais pontos aparecem como marginais dentro dos paradigmas centrais da teoria marxista; o que, é preciso ressaltar, deriva não necessariamente de defeitos inerentes a essa corrente político-teórica - ao contrário, já que um aspecto central do marxismo-leninismo é produzir reflexões teóricas a partir do que se constata na realidade concreta. Marx, Engels, Lenin e outros não legaram apenas poucas reflexões sobre a questão nacional após a revolução socialista, mas sobre diversos aspectos da sociedade pós-revolucionária. E o fizeram por conta das intenções científicas, objetivando evitar utopias (tendo sucesso parcial). Só o desenvolvimento histórico e a experiência viva das nações socialistas puderam criar condições para o refinamento teórico quanto à questão nacional (e outras). O Zuche é a expressão coreana desses desafios.

## Conclusão

Diante das insuficiências do marxismo-leninismo quanto à questão nacional (por conta da pouca teorização sobre as especificidades das nações sob o socialismo e da crença de que as relações entre as mesmas se manteriam dentro da solidariedade esperada pelo internacionalismo proletário) e da presença da necessidade de autoafirmação de soberania (ante potências aliadas e inimigas) como uma constante na história coreana, o marxismo não só foi adaptado à revolução coreana como ainda gradualmente reciclado em um corpo ideológico, político e teórico pretensamente original, o Zuche, que, após um processo longo de desenvolvimento, tem como características: a) nacionalismo anti-imperialista (e, portanto, internacionalista - ao contrário do chauvinismo); b) busca pela autossuficiência econômica e militar (um

# A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

derivado da anterior); c) humanismo e antropocentrismo voluntarista; d) valorização da ciência; e) modernização (humana e tecnológica) rumo ao horizonte comunista; f) tradicionalismo seletivo (incorporando tradições tidas como progressistas e úteis à revolução e rejeitando outras consideradas como reacionárias ou antipátria); g) linha de massas (considerando a mobilização e o engajamento popular como necessidade para o sucesso do socialismo); h) enaltecimento da figura do líder nacional; i) política Songun (priorização dos aspectos militares na defesa da pátria e do socialismo); e j) inserção (ainda que conflituosa) na tradição do socialismo científico conforme difundido pela Internacional Comunista e nas veredas da Revolução Russa.

Através do Zuche os coreanos tentaram (e ainda tentam) combinar a construção do socialismo com uma pátria independente.

## Notas

<sup>I</sup> Mestre em História Comparada (PPGHC-UFRJ) e professor na rede pública de Magé-RJ.

<sup>II</sup> Uma lista das instituições acadêmicas ao redor do mundo que realizam estudos sobre a Coreia pode ser vista em <koreanstudies.com/6\_academia.html>. Acesso em: 10 nov. 2015.

<sup>III</sup> Sobre a historiografia coreanista estadunidense cf. SHIN, Michael. *Major trends of Korean historiography in the US* (2003). O autor (como é de praxe, lembrando que a responsabilidade pelo presente artigo é exclusivamente sua) agradece a André Ortega por algumas sugestões bibliográficas.

<sup>IV</sup> O endereço do site é <vermelho.org.br>.

<sup>V</sup> *Blog de Solidariedade à Coreia Popular*. Disponível em <solidariedadecoreiapopular.blogspot.com.br>. Acesso em 10. nov. 2015.

<sup>VI</sup> Disponível em: <e-farsas.com/video-mostra-que-coreia-esta-na-final-da-copa-2014.html>. Acesso em 05 nov. 2015.

<sup>VII</sup> Disponível em: <e-farsas.com/kim-jong-un-impos-seu-proprio-corte-de-cabelo-aos-nortecoreanos.html>. Acesso em 05. nov. 2015.

<sup>XVIII</sup> Disponível em: <folha.uol.com.br/mundo/2013/08/1333895-ex-namorada-de-kim-jong-un-foi-presae-executada-diz-imprensa-sul-coreana.shtml>. Acesso em 10 nov. 2015.

<sup>IX</sup> Disponível em: <oglobo.globo.com/mundo/ex-namorada-de-kim-jong-un-aparece-apos-ser-dada-como-morta-12528772>. Acesso em 10 nov. 2015. O próprio Shin admitiu ter mentido em seus relatos que deram origem ao *Fuga do Campo 14*: <istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20150118/sobrevivente-campo-coreia-norte-admite-ter-mentido/225007>. Acesso em 29 nov. 2015.

<sup>X</sup> JABBOUR, Elias. *Qual o futuro da Coreia do Norte?* 2007.

<sup>XI</sup> JABBOUR, Elias. *Viagem à Coreia do Norte: dinastia revolucionária*, 2009.

<sup>XII</sup> VISENTINI, Paulo F.; PEREIRA, Analúcia D.; MELCHIONNA, Helena H. *A Revolução Coreana: o desconhecido socialismo Zuche*, 2015, p. 28.

<sup>XIII</sup> *ib.*, p. 177.

<sup>XIV</sup> *ib.*, p. 54.

# A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

<sup>xv</sup> *ib.*, p. 58.

<sup>xvi</sup> *ib.*, pp. 67-69

<sup>xvii</sup> Até hoje não foi assinado um tratado de paz definitivo.

<sup>xviii</sup> JABBOUR, Elias. *op. cit.*

<sup>xix</sup> VISENTINI, Paulo F.; PEREIRA, Analúcia D.; MELCHIONNA, Helena H. *op. cit.*, p. 81.

<sup>xx</sup> LOSURDO, Domenico. *Civilização, barbárie e história mundial: relendo Lenin*, 2006, p. 20.

<sup>xxi</sup> GALLISSOT, René. *Nação e nacionalidade nos debates do movimento operário*, 1984, p. 178.

<sup>xxii</sup> *ib.*, p. 184.

<sup>xxiii</sup> HOBBSAWM, Eric. *Marxismo e nacionalismo*, 1980, p. 304.

<sup>xxiv</sup> LOSURDO, Domenico. *op. cit.*, p. 28.

<sup>xxv</sup> HO, Chi Minh. *O caminho que me levou ao leninismo*, 1960.

<sup>xxvi</sup> KIM, Il Sung. *Derrubemos o imperialismo*, 1926.

<sup>xxvii</sup> KIM, Jong Il. *Sobre la idea Juche* (1982), 2002, p. 3.

<sup>xxviii</sup> KIM, Il Sung. *On eliminating dogmatism and formalism and establishing Juche in ideological work*, 1955.

<sup>xxix</sup> KIM, Il Sung. *Aceleremos la construccion socialista enarbolando la bandera de la idea Juche*, 1978.

<sup>xxx</sup> KIM, Jong Il. *op. cit.*, p. 32.

<sup>xxxi</sup> *ib.*, p. 6.

<sup>xxxii</sup> *ib.*, pp. 34-35.

<sup>xxxiii</sup> KIM, Il Sung. *Manifestemos en alto grado la superioridad del socialismo en nuestro país*, 1990, p. 8.

<sup>xxxiv</sup> KIM, Il Sung. *Aceleremos la construccion socialista enarbolando la bandera de la idea Juche*, 1978, p. 8

<sup>xxxv</sup> KIM, Il Sung. *Manifestemos en alto grado la superioridad del socialismo en nuestro país*, 1990, p. 17.

<sup>xxxvi</sup> KIM, Jong Il. *op. cit.*, p. 16.

<sup>xxxvii</sup> KIM, Il Sung. *Aceleremos la construccion socialista enarbolando la bandera de la idea Juche*, 1978, p. 11.

<sup>xxxviii</sup> JABBOUR, Elias. *op. cit.*

<sup>xxxix</sup> KIM, Jong Il. *op. cit.*, pp. 4-5.

# A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

- <sup>XL</sup> KIM, Jong Il. *La filosofia Juche es una original filosofia revolucionaria* (1996), 2002, p. 5.
- <sup>XLI</sup> KIM, Jong Il. *Sobre la idea Juche* (1982), 2002, p. 11.
- <sup>XLII</sup> *ib.*, p. 9.
- <sup>XLIII</sup> JABBOUR, Elias. *op. cit.*
- <sup>XLIV</sup> KIM, Jong Il. *La linea revolucionaria de Songun es una gran linea de nuestra epoca y bandera siempre victoriosa de nuestra revolucion*, 2003, p. 6.
- <sup>XLV</sup> *ib.*, p. 15.
- <sup>XLVI</sup> KIM, Jong Il. *La filosofia Juche es una original filosofia revolucionaria* (1996), 2002, p. 3.
- <sup>XLVII</sup> KIM, Jong Il. *Sobre la idea Juche* (1982), 2002, p. 24.
- <sup>XLVIII</sup> KIM, Il Sung. *Manifestemos en alto grado la superioridad del socialismo en nuestro país*, 1990, p. 12.
- <sup>XLIX</sup> KIM, Jong Il. *La filosofia Juche es una original filosofia revolucionaria* (1996), 2002, p. 10.
- <sup>L</sup> KIM, Il Sung. *Aceleremos la construccion socialista enarbolando la bandera de la idea Juche*, 1978, pp. 34-35.
- <sup>LI</sup> KIM, Jong Il. *Sobre la idea Juche* (1982), 2002, p. 72.
- <sup>LII</sup> O que foi, entretanto, rejeitado antecipadamente por Engels, que, em carta a Joseph Bloch (21-22 de setembro de 1890), repudiou interpretações simplistas da relação entre base e superestrutura.
- <sup>LIII</sup> JABBOUR, Elias. *op. cit.*
- <sup>LIV</sup> JABBOUR, Elias. *Qual o futuro da Coreia do Norte?* 2007.
- <sup>LV</sup> VISENTINI, Paulo F.; PEREIRA, Analúcia D.; MELCHIONNA, Helena H. *op. cit.*, p. 28.
- <sup>LVI</sup> *ib.*, pp. 48-49.
- <sup>LVII</sup> *ib.*, pp. 87-88.
- <sup>LVIII</sup> KIM, Il Sung. *op. cit.*, p. 6.
- <sup>LIX</sup> KIM, Il Sung. *On eliminating dogmatism and formalism and establishing Juche in ideological work*, 1955. Nessa obra, Kim critica também Pak Chang Ok por não valorizar as tradições do povo coreano.
- <sup>LX</sup> KIM, Il Sung. *Manifestemos en alto grado la superioridad del socialismo en nuestro país*, 1990, p. 24.
- <sup>LXI</sup> GALLISSOT, René. *op. cit.*, p. 174.
- <sup>LXII</sup> *ib.*, pp. 226-227.
- <sup>LXIII</sup> *ib.*, p. 232.
- <sup>LXIV</sup> *ib.*, p. 235.
- <sup>LXV</sup> LOSURDO, Domenico. *Fuga da História?* 2004, p. 60.

# A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA

DIEGO GROSSI

<sup>LXVI</sup> GALLISSOT, René. *op. cit.*, p. 187.

<sup>LXVII</sup> LOSURDO, Domenico. *Civilização, barbárie e história mundial: relendo Lenin*, 2006, p. 38.

<sup>LXVIII</sup> LOSURDO, Domenico. *Fuga da História?* 2004, p. 57.

## Referências

ABREU, Marcelo. **Viva o Grande Líder**: um repórter brasileiro na Coreia do Norte. São Paulo: Geração, 2002.

AMOROSO, Bruno. La Idea Juche del nuevo siglo. **Estudio de la Idea Zuche**. Vol. 79, 2007.

CUMINGS, Bruce. **North Korea**: another country. New York: The New Press, 2003.

CUMINGS, Bruce. **The Korean War**: a history. New York: The Modern Library, 2010.

DEMICK, Barbara. **Nada a invejar**: vidas comuns na Coreia do Norte. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GALLISSOT, René. Nação e nacionalidade nos debates do movimento operário. In: HOBBSBAWM, E. **História do marxismo** (vol. IV): o marxismo na época da Segunda Internacional. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HARDEN, Blaine. **Fuga do Campo 14**: a dramática jornada de um prisioneiro da Coreia do Norte rumo à liberdade no Ocidente. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

HO, Chi Minh. **O caminho que me levou ao leninismo** (1960). Disponível em <[marxists.org/portugues/ho\\_chi\\_minh/1960/04/leninismo.htm](http://marxists.org/portugues/ho_chi_minh/1960/04/leninismo.htm)>. Acesso em: 25 jun. 2015.

HOBBSBAWM, Eric. Nacionalismo e marxismo. In: PINSKY, J. (org). **Questão nacional e marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

JABBOUR, Elias. **Qual o futuro da Coreia do Norte?** (2007). Disponível em: <[vermelho.org.br/coluna.php?id\\_coluna\\_texto=1113&id\\_coluna=17](http://vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=1113&id_coluna=17)>. Acesso em 05 nov. 2015.

JABBOUR, Elias. **Viagem à Coreia do Norte**: dinastia revolucionária (2009). Disponível em: <[vermelho.org.br/coluna.php?id\\_coluna\\_texto=2486&id\\_coluna=17](http://vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=2486&id_coluna=17)>. Acesso em 05 nov. 2015.

**A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O  
ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA  
SOCIALISTA**

DIEGO GROSSI

KIM, Il Sung. **Aceleremos la construccion socialista enarbolando la bandera de la idea Juche** (1978). Pyongyang: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1978.

KIM, Il Sung. **Derrubemos o imperialismo** (1926). Disponível em <marxists.org/portugues/kim\_il\_sung/1926/10/17.htm>. Acesso em: 25 jun. 2015.

KIM, Il Sung. **Manifestemos en alto grado la superioridad del socialismo en nuestro país** (1990). Pyongyang: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1990.

KIM, Il Sung. **On eliminating dogmatism and formalism and establishing Juche in ideological work** (1955). Disponível em: <marxists.org/archive/kim-il-sung/1955/12/28.htm >. Acesso em 01 nov. 2015.

KIM, Jong Il. **La filosofia Juche es una original filosofia revolucionaria** (1996). Pyongyang: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 2002.

KIM, Jong Il. **La linea revolucionaria de Songun es una gran linea de nuestra epoca y bandera siempre victoriosa de nuestra revolucion** (2003). Pyongyang: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 2003.

KIM, Jong Il. **Sobre algunas cuestiones que se presentan para la comprension de la filosofia Juche** (1974). Pyongyang: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 2001.

KIM, Jong Il. **Sobre la idea Juche** (1982). Pyongyang: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 2002.

LANKOV, Andrei. **From Stálin to Kim Il Sung: the formation of North Korea** (1945-1960). London: Hurst e Co, 2002.

LANKOV, Andrei. **The real North Korea: life and politics in the failed Stalinist utopia**. Oxford: Oxford University, 2013.

LENIN, Vladimir. El imperialismo, fase superior del capitalismo. In: LENIN, V. **Obras** (t. V). Moscú: Progreso, 1973.

LENIN, Vladimir. Sobre el derecho de las naciones a la autodeterminación. In: LENIN, V. **Obras** (t. V). Moscú: Progreso, 1973.

LOSURDO, Domenico. Civilização, barbárie e história mundial: relendo Lenin. In: LOSURDO, D. **Liberalismo: entre civilização e barbárie**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

LOSURDO, Domenico. **Fuga da História?** Rio de Janeiro: Revan, 2004.

**A REVOLUÇÃO COREANA ENTRE A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO: O ZUCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PATRIÓTICO NA COREIA SOCIALISTA**

DIEGO GROSSI

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

SHIN, Michael. Major trends of Korean historiography in the US. **Sungkyun Journal of East Asian Studies**. Vol. 3, n. 1, 2003, pp.151-175.

STÁLIN, Josef. **O marxismo e o problema nacional e colonial**. Rio de Janeiro: Vitória, 1946.

VISENTINI, Paulo F.; PEREIRA, Analúcia D.; MELCHIONNA, Helena H. **A Revolução Coreana: o desconhecido socialismo Zuche**. São Paulo: Unesp, 2015.